

# A IRONIA COMO PRODUÇÃO DO HUMOR EM CHARGES POLÍTICAS: UMA ANÁLISE DA QUEBRA DAS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS

Hérika Cristina dos Santos Cardoso<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Pará

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a ironia e o humor veiculados através da linguagem de charges políticas. Partindo da noção de ironia como afirmação de algo diferente daquilo que se deseja comunicar, na qual o emissor deixa transparecer uma afirmação contrária por meio do contexto em que se envolve a situação. E apresentar como o humor pode ser construído a partir de uma perspectiva pragmática. Mais especialmente, buscaremos explicar a forma como o humor é construído nas charges a partir do cancelamento de implicaturas e da quebra das máximas conversacionais. Para tanto, o trabalho foi embasado na Teoria das Implicaturas de Grice (1982) e, conseqüentemente, utilizou-se dos conceitos de Princípio de Cooperação e Máximas Conversacionais do mesmo autor para dar suporte à análise. Para tal, utilizamos como *corpus* de análise 11 charges políticas publicadas na internet de diferentes autorias. Como metodologia, foram apontadas as quebras das máximas conversacionais de cada charge analisada, e como o cancelamento da possível implicatura faz surgir o humor.

**Palavras-chave:** Charges; Implicaturas; Violação das Máximas Conversacionais; Humor;

## ABSTRACT

The present work has like objective research the irony and humor about of the language of politics charges. Understand of the notion of irony like affirmative of thing diferent that if desire to rapport, in what, the issuelet transparent one opposition affirmative for model of the context that ifinvolve the situation. And to show like the humor can be build departing of one pragmatic perspective. More particularly, pursuit to explain the form like the humor is build of the charges departing of the cancel of consequence and of the maxims broke conversation. This work has found on the theory of the consequence of Grice (1982) and, aftermathly, if utilized of the concept of initial of Cooperation and Maxims Conversation of the same author for to do stand to analyses. For such, utilize how corpus of analyses 11 charges politics publish on the internet of differents authors. Like methodology, were point the maxims broke conversation of each charge analysed, and like the cancel of the possible consequence does to arise the humor.

**Keywords:** Charges; Consequence; Maxims Broke Conversation; Humor;

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras com Licenciatura Plena em Língua Portuguesa – Faculdade de Ciências da Linguagem – FACL, Campus Universitário de Abaetetuba. E-mail:cardosoherika2@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Há uma pergunta que norteará todo o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa: O que faz com que o enunciamento irônico e a quebra da máxima conversacional sejam produtor de humor e ao mesmo tempo de crítica no gênero charge?

O presente artigo faz uma análise da quebra das máximas no gênero textual charge, de cunho político. Tendo como fundamentação a Teoria das Implicaturas Conversacionais de Grice (1982) buscam-se os conceitos de Princípio de Cooperação, e Implicatura. Segundo essa teoria, a violação de tais máximas é o que gera a implicatura. Grice (1982) propõe o termo implicatura para caracterizar o que é “sugerido”, “indicado” ou “insinuado”.

A escolha deste tema justifica-se pelo fato do gênero textual charge ser um texto extremamente rico para a análise linguística, pois, retratam sobre os mais variados temas. São tipos de textos que podem ser usados para denunciar e criticar as mais diversas situações do cotidiano relacionadas com a política e a sociedade. Produzidas com o intuito de construir humor e, por vezes, de crítica e reflexão compostas nesse humor, às charges podem ser analisadas pela perspectiva da *Pragmática Conversacional* de Grice (1982). O uso linguístico do gênero charge dá-se em meio a um contexto situacional e através de sentido entre interlocutores. E tem como relevância pedagógica o ensino de leitura e interpretações de texto.

Grice (1982) indica que o fator central da comunicação é o reconhecimento por parte do interlocutor: o falante diz algo que deve ser interpretado pelo seu significado literal e espera que o ouvinte interprete da maneira adequada às necessidades da conversa. Dessa forma, os participantes cooperam um com os outros, seguindo regras que regem a conversação. Com isso, o autor propõe o *Princípio da Cooperação* e a existência de *máximas* e *submáximas* que contribuem com a negociação do sentido conversacional que fazem com que uma conversa seja bem-sucedida. Por vezes, o falante não segue as *Máximas Conversacionais* e, mesmo assim, espera que o ouvinte entenda o sentido implícito do que está sendo dito. Quando isso ocorre, é dito que houve a *Violação das Máximas Conversacionais* e o falante espera que o ouvinte compreenda o enunciado a partir da intenção implícita, as *implicaturas*.

O objetivo deste estudo é analisar de que forma a ironia, a violação das máximas e o cancelamento das implicaturas provocam o efeito humorístico no gênero charge. Em função da multiplicidade de recursos verbais e não verbais existentes na charge, responsáveis pela compreensão e interpretação das informações implícitas e sua contribuição para o exercício de reflexão. Além desse objetivo, este propõe analisar os recursos expressivos da imagem e da

palavra que veiculam grande quantidade de informações, valendo-se de poucos traços que, por serem polissêmicos, apresentam significativa capacidade produtiva.

No primeiro momento foi exposto todo embasamento teórico utilizado, ressaltando as principais contribuições acerca dos estudos. Onde foi mostrado o gênero textual charge, de modo a abordar sua linguagem, características e seu propósito comunicativo enquanto texto que prima pela persuasão do leitor para obter humor e posicionamento crítico sobre determinado assunto. Por conseguinte, apresentamos a relação da ironia como estratégia do gênero textual abordado para o então surgimento do humor, assim como suas definições. Por fim, os conceitos de *Princípio de Cooperação e Máximas Conversacionais*, elementos constituinte no gênero charge, utilizados como estratégia que permite ao chargista dizer implicitamente o que não poderia ser dito explicitamente havendo então o surgimento da *implicatura*.

Dessa maneira, foram adotadas como fundamentação teórica as contribuições de Austin (1990); Bergson (1983); Brait (1996); Espindola (2001); Grice (1982); Ribeiro (2016) e Romualdo (2000).

O método utilizado para a realização dessa pesquisa é de natureza qualitativa, que tem como hipótese que no gênero textual charge é comum a ironia e a quebra intencional de máximas, e que esta quebra de máxima é o que geralmente faz surgir o humor. Uma vez que esses estudos foram baseados em leituras sobre a linguagem irônica e humorística presente nas charges estudadas. Bem como, foram extraídas de sites da internet onze charges de cunho político de contextos e períodos distintos por meio de uma seleção aleatória no período de 15 a 16 de Maio de 2018, para análise das 4 máximas de Grice. Essa escolha se deu mediante o contexto atual do país, assim como a diversidade deste gênero e sua considerável produção em sites da internet diariamente.

Para isso, o presente trabalho está organizado em 3 capítulos e subdividem-se em 5 seções: na 1ª seção, discorre sobre o conceito do gênero charge baseado nos estudos feitos por Romualdo (2000), considerando-a como um gênero de destaque na seção de opinião de um jornal, a charge é uma prática discursiva fundamentada em fatos que denunciam e criticam atitudes quase sempre ligadas a política, ao passo que traduzem a ideologia vigente no tempo e no espaço de sua produção.

Na 2ª seção apresentam-se os conceitos básicos de ironia segundo Brait (1996), do humor segundo Bergson (1983) e de multimodalidade através dos estudos feitos por Ribeiro (2016), como características constituintes do gênero charge. Consideradas como atitudes

comunicativas muito similares, que, em certas ocasiões, podem se complementar em um mesmo enunciado.

A 3ª seção tem como foco definições a respeito dos estudos pragmáticos, mais especificamente do conceito da *Teoria das Implicaturas Conversacionais* explicitados por Grice (1982), que serão utilizadas na análise do *corpus* selecionado.

Na 4ª seção, apresenta-se o efeito da ironia e a quebra das máximas do princípio de cooperação presentes em charges políticas para o então surgimento do humor. Onde foi descrito o contexto da situação de cada charge selecionada, para em seguida apontar a máxima que foi violada, a implicatura gerada pela quebra e, que conseqüentemente faz surgir o efeito de humor.

Por fim, na 5ª seção, foram apresentadas conclusões a partir dos resultados da análise descrita na 4ª seção, perpassando o trabalho como um todo.

## **CAPÍTULO I**

### **1. O GENÊRO CHARGE**

#### **1.1. O surgimento da charge**

O termo charge surgiu da caricatura, que segundo Romualdo (2000) utiliza-se do ridículo como arma, antes de apenas nos fazer rir, também nos faz pensar. Segundo Rabaça e Barbosa (1978:89), apud Romualdo (2000), a charge é de origem francês (*charger*) significa *carregar, exagerar*. Para os autores do dicionário, é um tipo de cartum cujo objetivo é a “crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política”. É um gênero textual que passa mensagens por meio da associação de linguagem verbal e não verbal, que se auxilia, se completam ou se contrapõem na busca da produção do sentido pretendido.

Geralmente a charge se baseia em um acontecimento real ou em fatos que envolvem polêmicas. É um gênero que resulta do processo de retextualização. Normalmente, origina-se de uma notícia jornalística que é repassada para um texto com imagens de cunho argumentativo, criticando ou ironizando algo. Charges políticas e de crítica social nem sempre vem carregadas de humor. A caricatura ou a charge política podem extrapolar a questão do humor e passar uma mensagem ideológica, defendendo certo ponto de vista.

O suporte contextual exerce grande importância para a compreensão da caricatura e da charge, pois elas só alcançarão o seu efeito na medida em que o referente for conhecido e as demais circunstâncias, incluindo as situações ou fatos políticos aos quais elas se referem, também o forem. Se isso não acontece, o seu sentido se esvai. (ROMUALDO, 2000: 36)

Como normalmente a charge é de teor político, não é fácil de ser compreendida, porém, segundo Romualdo (2000) basta que o leitor esteja situado do referido contexto, pois, é de extrema importância para a produção de sentido do texto. Independente do texto ser oral ou escrito, além das palavras que o compõem, há uma multiplicidade de recursos tais como: as caricaturas, os desenhos e o humor, que só podem ser compreendidos pelo contexto situacional. As charges ganharam popularidade a partir dos avanços nos processos tecnológicos e de reprodução gráfica. Migraram então para novos suportes como: a Internet, a televisão e, as revistas.

O propósito do gênero textual charge é apresentar de forma crítica um fato, um problema ou um acontecimento que possa interessar a sociedade. Na maioria das vezes recria a imagem de pessoas públicas por meio de caricaturas de pessoas que estão envolvidas em eventos capazes de gerar grandes polêmicas. Para que a leitura seja dinâmica, o texto chágico tem como objetivo satirizar, muitas vezes, associando o humor a ironia. Romualdo (2000) salienta que através do humor, a charge destrona os poderosos e busca revelar o que está oculto em fatos, personagens e ações políticas. Dessa forma instiga o pensamento crítico do leitor, levando-o a se posicionar, mesmo de forma imperceptível, diante do texto. Segundo Espíndola (2001) a charge tem a função social de criticar situações cotidianas da vida política e social de uma sociedade através do humor gerado por vários recursos linguístico-discursivos, a exemplo da seguinte charge:

**Figura 01 – Fogueira do PMDB**



Fonte: <[http://blogdobarbosa.jor.br/wp-content/uploads/AUTO\\_jarbas9.jpg](http://blogdobarbosa.jor.br/wp-content/uploads/AUTO_jarbas9.jpg)>

As charges mostram, na maioria das vezes, atores políticos em situações que contrariam os preceitos morais, desconstruindo a hombridade e a honestidade, por isso são submetidos ao escárnio irônico. Nas charges, observa-se o humor aliado à crítica em tom irônico e, portanto, certa ambivalência desse humor.

## 2. IRONIA, HUMOR E MULTIMODALIDADE: uma relação perfeita.

### 2.1. A ironia

Discorrer sobre ironia é reconhecê-la como o meio de se dizer algo contraditório ao que realmente se pensa. A concepção de ironia dada pelas gramáticas baseia-se segundo Brait (1996) na visão tradicional que advém da retórica, que a enquadra como uma figura de pensamento que faz parte de um dos grupos das figuras de linguagem. Utilizadas para produzir maior expressividade à comunicação, as figuras de pensamento trabalham com a combinação de ideias ou pensamentos. A definição que a retórica oferece de ironia é mostrada por Brait como:

Uma maior depuração entre o que se pode entender por literal, por figurado e por antífrase, na perspectiva constitutiva do discurso irônico, parece revelar que a ironia é produzida, como estratégia significante, no nível do discurso, devendo ser descrita e analisada da perspectiva da enunciação e, mais diretamente, do edifício retórico instaurado por uma enunciação. Isso significa que o discurso irônico joga essencialmente com a ambiguidade, convidando o receptor a, no mínimo, uma dupla decodificação, isto é, linguística e discursiva. (BRAIT, 1996: 96)

Os estudos de ironia ganham novas fundamentações através da pragmática. Uma delas ressalta seu *valor ilocutório*, proposto por Austin (1990) como elementos enunciativos que contemplam a ironia, que corresponde ao ato que o locutor realiza quando pronuncia um enunciado em certas condições comunicativas e com certas intenções, tais como *criticar, ordenar ou avisar*. Assim, num ato ilocutório, a intenção comunicativa é o ato de fazer uma declaração, oferta ou promessa ao enunciar uma sentença, em virtude da força convencional associada ao significado de determinado enunciado, visto que se trata de uma atividade dupla em que há a inscrição de um locutor que, por meio da enunciação, realiza uma ação.

Com isso, a ironia repousa sobre uma dissociação entre aquilo que a enunciada manifesta, que condiz ao seu sentido literal, e a proposição visada (a crítica, a denúncia) que diz respeito ao que está implícito. Segundo Brait (1996), cabe ao leitor ter a capacidade de “transcender a literalidade para vislumbrar, justamente por meio das marcas instauradas no discurso o pronunciamento irônico (...). Ele deverá perceber a presença/ausência do sentido literal e do sentido figurado” para então, entender a ironia proposta. Agregasse-se a isso, a possibilidade que essa figura de pensamento irônica tem como estratégia o desnudamento de determinados aspectos culturais, sociais e até mesmo estéticos, muitas vezes encobertos por discursos sérios e possíveis de serem criticados ou ironizados em algumas formas genéricas, como é o caso da charge, por meio do interdiscurso irônico.

Em textos chárgicos, a ironia se reflete por meio do verbal e do não verbal sobre algo sério. Ela consiste em não dar às palavras nem à imagem o seu sentido real ou completo,

exatamente para significar o oposto do que se diz. É um disfarce para expressar uma coisa por outra. O discurso irônico em charges é um recurso para estimular algum tipo de reação do leitor.

A ironia, segundo Brait (1996), será considerada como estratégia de linguagem que, participando da constituição de discurso como fato histórico e social, mobiliza vozes, instaura a polifonia, ainda que essa polifonia não signifique, necessariamente, a democratização dos valores veiculados ou criados.

A intenção da ironia na charge é expressar múltiplas possibilidades de sentido ao explorar situações perceptíveis de discordância pela sociedade, por isso está sempre imitando estilos e padrões típicos, como o padrão de políticos, por exemplo. As charges irônicas estão bastante próximas do chiste<sup>2</sup> e do cômico, mas só podem ser compreendidas se os interpretadores entenderem o jogo multimodal próprio da charge. Nesse jogo é preciso considerar o contexto, as atitudes e as expectativas, tanto do chargista quanto do leitor.

Brait (1996) apresenta ainda a presença do discurso irônico que joga com a ambiguidade, pois, tanto a ironia quanto a ambiguidade apresentam elementos comparados entre si. As duas trazem uma dupla interpretação, em que o ouvinte se torna o responsável por assimilar a intenção comunicativa do falante, a mensagem só terá êxito se o ouvinte puder compreender a ironia ou a ambiguidade que foi usada. Alguns filósofos mencionam o aspecto da ambiguidade na produção do discurso irônico. A ambiguidade ocorre quando existe a duplicidade de sentido em uma ou mais palavras ou expressões em um texto/enunciado, a exemplo da seguinte charge:

**Figura 02 – Campanha eleitoral gratuita**



Fonte: <<http://i2.wp.com/www.humorpolitico.com.br/wpcontent/uploads/2014/08/caroeleitor2572x420.jpg?resiz e=572%2C420>>

<sup>2</sup> Chiste: qualidade do que é engraçado; comicidade, graça.

Na charge apresentada na Figura 02, temos a presença da ambiguidade pela entrada lexical da palavra *caro*. O enunciado nos dá margem para mais de uma interpretação. A primeira, tendo o significado de tratamento cordial, que poderia ser substituído por palavras, como querido ou estimado eleitor. Tais termos remetem a formas de tratamento. Contudo, a segunda menção à palavra *caro* se dá com significado de alto valor monetário. A ambiguidade ocorre quando o político cumprimenta o telespectador, e este faz uma crítica ao salário ganho por um deputado no Brasil. Aqui, o contexto em que o telespectador está inserido é diferente do primeiro, falado pelo político.

Essa duplicidade faz que o significado da expressão não seja claro, cuja compreensão cabe ao interlocutor extrair um sentido literal e um sentido figurado, sem, no entanto, desambiguá-los para que a ironia não seja descaracterizada. Além da ironia, a ambiguidade configura-se, ainda, no humor, no cômico e no riso (Brait, 1996, p. 21), assunto tratado no próximo tópico.

## **2.2. O humor**

Além da ironia, outra característica presente no gênero charge é o humor, por meio do qual se atribui uma perspectiva inusitada a um fato que, normalmente, seria apenas retratado criticamente de forma irônica. Bergson (1983) declara que a imitação causa o humor porque, quando se imita, se extrapola o gesto normal, levando ao exagero e ao riso, além do que a imitação dos gestos já é risível por si mesma. O humor propicia uma “leveza” ao texto em função de sua graça, o que não significa dizer que a crítica feita pelos textos humorísticos é sutil, pelo contrário, o que se vê na prática é, em alguns casos, a crítica apoiada nessa propriedade. Esse traço do humor nas charges contribui para o interesse do leitor, porque assume características constituídas por meio de um tom cômico<sup>3</sup>, tornando-a diferente. O cômico se constrói na forma de transgressão, pois sua crítica rompe com as expectativas de leitura investidas por quem a realiza.

O riso na charge requer conhecimentos que são denominados por Romualdo (2000) como repertório, que dizem respeito às situações, e ao tipo de linguagem. Esses acontecimentos dependem, ainda, do momento em que é ativado, considerando que rapidamente os fatos tornam-se ultrapassados. Nesse caso, a charge torna-se um texto de difícil compreensão, porque os fatos os quais normalmente se faz referência são atualizados cotidianamente, o que exige informação atualizada para que haja interação do autor da charge

---

<sup>3</sup> Cômico: que diverte e/ou suscita o riso por seus elementos de comicidade ou pelo ridículo.

com o seu leitor para que o efeito possa ser produzido. Uma vez que a natureza interdiscursiva exige um acompanhamento diário dos fatos, principalmente, sobre a política do momento..

O chargista recorre a uma linguagem irônica para denunciar relações político-sociais e econômicas que estão sob suspeita em seu contexto sócio histórico. É um gênero que denuncia certas inconveniências. Ainda segundo Espindola (2001), o leitor deve: *a) identificar os personagens e os fatos a que o texto faz referência; b) o contexto sócio histórico ou político do fato; c) as circunstâncias; d) os elementos linguísticos e; e) as possíveis intenções do chargista.* Além dessas, há outras estratégias para compreender as charges para que o propósito de provocar o humor e a ironia seja alcançado. Essas estratégias de compreensão da charge são que geralmente misturam duas linguagens harmoniosamente: *a verbal e não verbal*, considerando-a como um gênero multimodal conforme veremos a seguir.

### **2.3. O gênero multimodal**

Nem sempre o texto se vale apenas de palavras, se vale de outros elementos visuais como: os desenhos, expressões corporais, etc. que contribuem na produção da charge enquanto texto, estes são chamados de gênero multimodal. Ribeiro (2016) faz uma reflexão informada sobre o ensino da língua por meio de textos em que não se excluem, deliberadamente, fotos, ilustrações e gráficos, caracterizados por multimodalidade.

O gênero multimodal é o significado que se dá as variadas formas de leitura nos gêneros textuais tendo em vista esses elementos. São chamados de multimodal, porque na sua construção utiliza-se mais de um modo de elaboração da mensagem. Podemos entender multimodalidade como sendo os textos nos quais mais de uma modalidade aparecem em uma situação para produzir significado. O que significa dizer que não há como definir o início da leitura. Dependendo da percepção de cada leitor, a interpretação se dá a partir de um determinado ponto.

É importante destacar que as questões de produção multimodal dos textos não passam tanto pela exigência de talentos que as pessoas normalmente não desenvolvem, mas pelo manejo das linguagens à disposição, pela escolha de modos de expressão, assim como pela articulação entre o como e o que dizer. Trata-se de elementos que acredito possam ser despertados, reconhecidos e trabalhados. (RIBEIRO, 2016:105)

Além de se caracterizar como um gênero multimodal, a charge requer do leitor o reconhecimento da imagem associado às indicações verbais para desencadear os elementos que ancorarão a produção de sentido. De acordo com Ribeiro (2016) compreendemos que o discurso reportado deve ser considerado por suas múltiplas e heterogêneas formas de representação simbólica. E isso equivale dizer que os textos podem e devem ser

epistemologicamente, analisados pelos seus múltiplos modos semióticos. A charge deixa transparecer uma crítica e a faz com “leveza” por meio dos recursos expressivos da multimodalidade. Nela há uma temática séria, mas retratada de forma humorística. Se há crítica, há proposições que desvelam um ponto de vista, há processos retóricos envolvidos, há o desejo de provocar uma reflexão. Se os modos podem ser compreendidos como a materialização dos recursos de representação da mensagem, a charge é multimodal porque o conteúdo dado a sua significação é veiculado por meio da imagem e do desenho.

Entendemos que todo modo possui uma lógica que lhe é pertinente, a fala utiliza, por exemplo, a lógica temporal, visto que os sons são pronunciados numa sequência formadora de sentido. A imagem usa a lógica simultânea, pois a visualização do todo se dá em um único momento, cada modo, associado a outro modo. No caso da charge, a multimodalidade é fundamentada na palavra e no desenho, ou apenas do desenho que também é multimodal, por expor detalhes pelas cores, pelos gestos, pelas expressões dos personagens. A interpretação da charge requer do leitor conhecimentos linguísticos para entender a escolha e a intenção do chargista diante das marcas presentes dentro da charge.

De acordo com Romualdo (2000) a charge é temporal por focalizar a uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal. Cujas temáticas despertam interesse provisório, pois, apresenta fatos evidenciados em determinadas circunstâncias. É um gênero cujo texto envelhece rápido, posto que os fatos retratados rapidamente saem de evidência e deixam de interessar ao leitor. Apesar disso, há alguns casos em que charges são republicadas, e os chargistas usam essa estratégia quando um fato anterior se repete, e se mantém atual.

### **3. A TEORIA DAS IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS**

A análise dos conteúdos implícitos a serem transmitidos, que não poderão ser compreendidos a partir de uma análise meramente decodificadora, é o foco de uma área da linguística denominada Pragmática Conversacional. Esses estudos são feitos por Grice (1982) ao tratar da distinção entre *significado do falante* (sentido literal) e *significado da sentença* (sentido figurado), descrevendo as relações que supõe existir entre o que é *dito* (palavras utilizadas) e o *não dito* (o que é implicado) de forma não convencional numa troca comunicativa. Tomando como exemplo de texto para análise a seguinte charge.

**Figura 03 – Metendo a mão na poupança**



Fonte: <<https://www.pinterest.pt/pin/376402481331017972/>>

Na charge 03 criada a partir de recursos verbais e não verbais, temos como cenário um ônibus lotado de passageiros em que há o diálogo entre uma mulher e um dos passageiros, onde o mesmo parece tocar nas nádegas da referida mulher, distinguindo-a com o nome de poupança. Aqui o termo poupança faz por apresentar a dupla significação, mas, sem que exista relação entre esses significados etimológicos. Observa-se que a mulher, ao indagar o rapaz se ele trabalha no governo, já fez à indicação do primeiro sentido dado a poupança, que é a de que o governo é corrupto, e “mete a mão” no nosso bolso. Contudo, quando o enunciado é completado pela resposta “não” do rapaz, além do texto não verbal que relata uma situação cotidiana que muitas mulheres sofrem nas conduções públicas, passamos a ter um novo sentido de poupança, desta vez para se referir a uma parte do corpo (as nádegas) expressão coloquial. Podendo constatar que essa nova significação não apresenta nenhuma relação etimológica com a primeira.

O que é dito no proferimento da sentença está intimamente relacionado ao significado convencional das palavras utilizadas. Implicatura é o que está por trás, implícito, ou sugerido pelo enunciado “você é do governo”. Como é o caso do exemplo acima, em que a mulher ao questionar se o passageiro trabalha no governo pelo motivo do mesmo está metendo a mão na sua poupança, deixa subtendido que, quem tem o costume de meter a mão na sua poupança é o governo. No entanto, o falante demonstra sua intenção de comunicar uma ideia diferente daquela que as palavras empregadas expressam literalmente.

Para que tenhamos um maior entendimento do significado das expressões linguísticas, precisamos ver para o que elas estão servindo, em um determinado contexto. Para isso, Grice (1982) formulou a proposta de uma semântica fazendo distinção entre o significado do falante e o significado literal. A teoria do filósofo consiste em uma análise de significado com base na interpretação feita pelo ouvinte por meio de regras e procedimentos que permitem a

identificação ou o reconhecimento das intenções do falante ao dizer algo. Segundo essa teoria, toda expressão linguística deve ser interpretada levando-se em conta seu contexto de uso. Só a partir da consideração deste contexto podemos decidir se a expressão está sendo usada no que o estudioso denomina de significado do falante, específico a um contexto determinado, ou em seu significado literal, que não varia de acordo com os contextos.

A linguagem se vale de símbolos convencionais para construir sentidos não explícitos à superfície do texto. O significado da língua é construído histórico e socialmente, o que contribui para as interpretações dos enunciados. Pode-se dizer, portanto, que a linguagem apoia-se no comportamento social e em suas convenções, o que permite, por exemplo, o reconhecimento de um sentido literal e de um segundo sentido. Isso é possível porque cada atitude comunicativa implica um sentido que pode estar explícito ou implícito a determinado ato. O sentido veiculado pelo dizer depende, ainda, de outros elementos a ele relacionados: a) a identidade dos interlocutores; b) o tempo da enunciação e c) o significado, na ocasião particular da enunciação (Grice, 1982, p. 85). Resta, ainda, saber de que forma os sentidos implícitos manifestam-se no discurso.

Grice propõe partir de interações ideais para estudar as implicaturas conversacionais, considerando seu aspecto não convencional e sua relação com traços do discurso. O primeiro desses traços diz respeito ao reconhecimento da *relevância dos propósitos* entre dois coenunciadores que, por isso cooperam mutuamente para a progressão do diálogo. Segundo Grice (1982, p.60) “nossas trocas de palavras... são o resultado, pelo menos até certo ponto, de esforços de cooperação; e cada participante reconhece nessas trocas... uma finalidade comum ou um conjunto de finalidades, ou pelo menos uma direção aceita por todos”. Daí, a denominação de *Princípio de Cooperação* (P.C), baseado no pressuposto: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (Grice, 1982, p. 86).

## **CAPÍTULO II**

### **4. A IRONIA COMO PRODUÇÃO DE HUMOR PRESENTE EM CHARGES POLÍTICAS, ANALISADAS A PARTIR DO PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO.**

A ironia presente em charges será analisada a partir da teoria de Grice (1982) que defende a ideia de que, por trás de uma afirmativa quase sempre há algo encoberto que em sua teoria chama de *implicatura*. Pensando nessa diferença, Grice apresenta uma alternativa que pudesse preencher os espaços deixados. Elabora, então, o modelo inferencial que constrói o sentido e a interpretação por meio de evidências, pois para ele, existe a construção linguística

do enunciado pelo falante e a sua compreensão pelo ouvinte. Esse espaço então seria preenchido por inferência.

O humor nas charges tem como instância enunciativa predominante a crítica irônica, seguida de uma espécie de humor ridicularizante. Nesse gênero, percebe-se que o prazer do riso está imbricado ao desprazer da realidade política, que na maioria das vezes é criticada por fatores negativos. A ironia torna-se o próprio entrelace paradoxal, onde há uma mistura de riso e crítica. É então que o ridículo se constrói como elemento da piada, capaz de demonstrar também alguma hostilidade em contraste à graciosidade do senso de humor.

Então, para explicitar como o humor irônico é realizado, será analisado a ironia interligada ao Princípio da Cooperação regido por Grice (1982), partindo da convicção de que, quando alguma das máximas conversacionais é quebrada, pode-se constatar, por implicatura, um processo irônico e humorístico. Para isso, foram selecionadas aleatoriamente para análise de quebra das máximas, 8 charges de cunho político retiradas da internet. Respectivamente, as charges escolhidas tentam descrever as estratégias que os chargistas utilizam para produzir a ironia interligada ao humor para mostrar as críticas que estão ligadas ao governo que são feitas de modo camuflado.

A partir deste princípio, Grice (1982) o estabeleceu em quatro categorias, são elas: **qualidade**, **quantidade**, **relação** e **modo** - sobre os quais atuam certas máximas. Sempre que há a infração de pelos uma destas máximas, a reação do interlocutor não é a de acusar o locutor de ter cometido uma infração, mas a de reconciliar o que este disse com a situação de comunicação, a partir de uma tripla presunção. Com o objetivo de mostrar a importância dessas máximas, Grice (1982) faz uma analogia em que as apresenta em situações concretas. Essas máximas especificam o que os participantes têm de fazer para conversar de maneira cooperativa, eficiente: eles devem falar com sinceridade, de modo relevante e claro e ao mesmo tempo, fornecer informações suficientes para que o ouvinte possa compreender o que lhe foi proposto pelo falante, pois conforme mostra o autor, a comunicação não é somente uma atividade racional e propositiva, mas também cooperativa. A partir dessa suposição, Grice (1982) pressupõe que haja um acordo entre os interlocutores, uma cooperação mútua estabelecida pelo falante e pelo ouvinte. Através do Princípio da Cooperação que o interlocutor detecta os significados inferenciais num ato comunicativo, além dos significados explicitados pelo falante.

#### **4.1. Violação da Máxima de Qualidade**

A violação quanto *Categoria da Máxima de Qualidade* expressa o seguinte princípio segundo: tente que sua contribuição conversacional seja a mais verdadeira possível, para isso, não afirme o que crê ser falso e não afirme aquilo de que não tem provas suficientes para confirmar a sua veracidade. Diante das charges políticas selecionadas para análise, não houve a presença da quebra pela máxima de qualidade.

#### 4.2. Violação da Máxima de Quantidade

A violação quanto à *Categoria da Máxima de Quantidade* está relacionada a duas máximas: “1. Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerida para o propósito coerente da conversação”. “2. não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido”. Segundo Grice (1982), essa segunda máxima não chega a ser uma transgressão, porém o excesso de informação pode encaminhar a informação para outro assunto e, com isso, intervir em outra máxima, a de relevância.

**Figura 04 – Intervenção Militar no cardápio**



Fonte: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/intervencao-militar-avulsa-por-duke/>>

A charge 04 é caracterizada por dois figurantes em uma lanchonete sendo eles consumidor e atendente. É retratado o momento em que o consumidor ao fazer seu pedido deseja uma “intervenção militar avulsa”, mas, segundo o atendente, só possuem as opções intervenção militar + ditadura + censura + estado de exceção + fim das liberdades individuais + fim da democracia + tortura. Nesse caso, a análise que se faz é a de que não existe somente a opção “intervenção militar”, pois a mesma vem sempre acompanhada destes outros elementos. Segundo o conceito, intervenção militar possui como significado o uso das forças armadas para controlar determinada situação que deveria ser de responsabilidade de outro tipo de força ou autoridade. Mas, neste caso, a intervenção militar é apresentada apenas com os demais complementos citados. No contexto político muitos acreditam que a intervenção militar seria uma solução para resolver questões referentes à economia, corrupção e segurança nacional.

No entanto, desconhecem as consequências que este ato traria para o direito democrático da sociedade. Pela hipótese, quando ocorre a intervenção militar, junto dela haverá a censura, tortura, o fim das liberdades individuais e entre outros. Logo, para que ocorra um efeito de sentido o leitor precisará entender o trocadilho presente na charge.

Diante da análise, percebemos que a quebra da máxima da quantidade foi violada intencionalmente na charge 04. Pois, diante do contexto a quebra dessa máxima se dá durante a fala do vendedor por fazer a contribuição mais informativa do que realmente é requerida. Na verdade, ele não respondeu a pergunta de forma clara, ele apenas mostrou as opções que se tinham, cabendo ao leitor inferir para saber que o que foi pedido não possuía no cardápio. Um discurso repetitivo constitui uma violação desta máxima, porque, ao sobrecarregar o enunciado de informação redundante e desnecessária cria-se empasse na comunicação.

### 4.3. Violação da Máxima de Relevância

A violação quanto a *Categoria da Máxima de Relação* consiste segundo Grice (1982) em enunciar somente o que pertence ao contexto da troca conversacional, expressando o seguinte princípio: tente que sua contribuição conversacional revele ser pertinente em relação ao objetivo da conversa para que se estabeleça uma relação de pertinência entre os enunciados. Devemos ser relevantes em nossas proposições, o que significa dizer que nossa fala deve ser coerente, isto é, ter relação, com o que foi dito anteriormente.

Figura 05 – Vale a pena rir de novo



Fonte: <<http://aindaespantado.blogspot.com/2012/08/>>

Na charge 05, temos como categorização que neste momento começou a propaganda política e que quase ninguém confia mais nas promessas dos políticos. Sendo o eleitor tachado pela figura de um palhaço. É evidente que a frase “vale a pena ver de novo” é típica de uma determinada programação televisiva que tem como função reprisar novelas que já passaram anteriormente e não de um programa de propaganda política, sendo esta frase não adequada à

situação. A intenção do autor provavelmente é chamar os eleitores de palhaços, que somos ignorantes e que não sabemos escolher nossos governantes, por acreditarmos sempre nas mesmas promessas que os candidatos fazem como é mostrado na frase “vale a pena ver de novo”, por sempre reprisarem as promessas e por fim, ao serem eleitos não cumprirem suas obrigações. E a questão do representante político durante a campanha ao citar “vamos falar sério” dando a entender que, em outras ocasiões parece faltar com verdade, mostrando que fora do tempo das eleições parece ser inconveniente às situações.

Fica evidente na charge 05 a quebra intencional da máxima de relação. Como se sabe, a frase “vale a pena ver de novo” é típica de uma programação novelística e não de um programa de propaganda eleitoral, logo, mostra que esta não é adequada à situação. Sendo a frase não relevante ao contexto da propaganda eleitoral. As intenções do autor são claras, ele coloca em evidência “vale a pena ver de novo”, comparando-a ao horário eleitoral político. Ou seja, o chargista quer evidenciar que assim como as novelas são reprisados, os políticos também fazem o mesmo durante as campanhas eleitorais, reprisam sempre as mesmas promessas políticas em todo período eleitoral.

#### 4.4. Violação da Máxima de Modo

A última categoria, a violação quanto a *Máxima de Modo* refere-se à supermáxima “seja claro” e abarca as máximas: “1. evite obscuridade de expressão; 2. evite ambiguidades; 3. seja breve e 4. seja ordenado”. Grice (1982) indica que as pessoas não devem ser ambíguas e obscuras, e que devem evitar prolixidades, serem ordenadas e seja claro, e é justamente essa clareza que não aparece nessas situações expostas necessitando mais uma vez de implicaturas conversacionais dos envolvidos no ato conversacional para manter o princípio de cooperação.

**Figura 06 – Look do dia**



Fonte: <<https://www.politicadinamica.com/noticias/charges/ajuste-fiscal-1675.html>>

Na charge 06, podemos interpretar a fala de Dilma Rousseff somente pelo contexto referido ao traje que está vestindo. Porém, ao remeter a seguinte pergunta a Joaquim Levy: o que

achou do meu vestido na posse? Referindo-se a vestimenta que a mesma estava trajando, Joaquim então responde: só entendo de corte, nada de costura. Joaquim, ao citar o termo “corte” remete ao sentido de corte de verbas. Pois, durante o governo Dilma, Joaquim Levy foi ministro da fazenda e tinha o desafio de arrumar as contas públicas, onde o economista era apelidado de “mãos de tesoura”. No entanto, a relação entre a vestimenta e corte, por outro lado, se refere não à forma corte por parte de costura, mas sim, aos cortes de verbas feitos por Joaquim no período em que foi ministro da fazenda. Esse vocábulo assume dois significados distintos: corte no sentido literal de cortar, e corte no sentido figurado de redução de gastos do governo federal. A escolha entre as duas implicaturas não pode ser feita de maneira convencional pelo leitor uma vez que linguisticamente ambas são possíveis. Sendo essa ambiguidade que traz humor à charge.

A violação da máxima de modo na charge 06 acontece, pois, nessa máxima devemos levar em consideração não o que é dito, mas sim como é dito. A fala de Joaquim, no entanto, não segue a proposição "seja claro", principalmente no que diz respeito a evitar ambiguidades para não haver o caráter duplo. O que gera esse caráter duplo na charge é a ambiguidade polissêmica presente no termo corte. Ele poderia apenas dizer que não entende de moda, porém, ao citar que não entende nada de costura, apenas de “corte” deixa de ser claro e pretende que o leitor interprete o que ele diz, para, então, construir sobre esse termo um significado adequado à situação e ao contexto.

### Figura 07 – Prisão do garotinho



Fonte: <<http://www.gazetaonline.com.br/opiniaio/2016/11/charge-do-amarildo--17-11-2016-1013996536.html>>

A charge 07 é representada pela figura de Antony Garotinho recebendo a voz de prisão anunciada por um representante da lei. É preciso reconhecer que Garotinho se trata de uma figura pública, ex-governador do Estado do Rio de Janeiro, que foi preso por agentes da Polícia Federal. O leitor é convocado a acionar informações sobre Garotinho e observar a forma como ele foi caracterizado. Esses pontos norteiam a produção de sentido e do humor.

Garotinho é representado como um menino, conforme indicam a vestimenta e os acessórios utilizados (short, camiseta, boné virado para trás e tênis), além da linguagem normalmente usada por adolescente (Pô, tio! eu não posso ser preso! sou “dimenor”). O argumento utilizado para não ser preso se dá pelo fato de ser o “garotinho”, havendo aí a presença do duplo sentido no termo. Pela legislação brasileira, medidas socioeducativas são aplicáveis a adolescentes que praticam atos infracionais. Embora o ato praticado por menores (faixa etária de 12 a 18 anos) seja um delito, a penalidade tem caráter predominantemente educativo e não punitivo. O que lhes possibilita não serem tratados como criminosos.

Na charge 07, confirma-se que houve violação da máxima do modo, pela presença da ambiguidade no argumento utilizado em que não poderia ser preso pelo fato de ser o “garotinho”. A associação desses aspectos encaminha-nos à forma como o referente é construído nessa charge: o nome de Garotinho é categorizado ao remeter à categoria de adolescente. O chargista se vale do apelido do ex-governador, “Garotinho”, e esse referente é reconfigurado em um menino, por meio da imagem e da fala.

#### Figura 08 – Lavagem de dinheiro



Fonte: <<http://gepgeoofticial.blogspot.com/2013/10/momento-interpretacao.html>>

Na charge 08 composta por dois representantes políticos aparentemente lavando dinheiro, um deles utiliza-se da seguinte pergunta para o outro: de que forma o nobre colega faz para deixar seu dinheiro tão limpinho, e como resposta tem-se da seguinte expressão: Eu uso “laranjas”. O uso da frase (deixar seu dinheiro limpinho) refere-se a “Lavagem de dinheiro” que é um processo onde os lucros gerados a partir de atividades ilegais são “purificados” ou ocultados para que possam aparentar ter origem lícita. Já o termo “laranja” é frequentemente utilizado em casos políticos para se referir a alguém que “empresta” o nome para ocultar a origem ou o destinatário de dinheiro ilícito, especialmente em operações que investigam crimes de lavagem de dinheiro, o termo “laranja”, um jargão entre policiais, tem origem incerta. Na linguagem popular, o termo “laranja” passou a ser utilizado para se referir a um indivíduo que

empresta seu nome, para transações financeiras e comerciais criminosas, ocultando a identidade do verdadeiro responsável pelo crime. Normalmente, quando o "laranja" tem ciência de que está sendo utilizado para a prática, ele é remunerado pela "prestação do serviço". Em outros casos, mais comuns com pessoas com pouca instrução e/ou baixo poder aquisitivo, o "laranja" tem o nome utilizado indevidamente sem que o indivíduo tenha ciência do crime.

A charge 08 fere a máxima modo, pois, à princípio, os interlocutores em respeito a essa máxima devem utilizar a linguagem de forma clara, precisa, concisa e ordenada, com o objetivo de que haja entendimento na interação. Regra essa que não é seguida no termo "laranja", que é atuada em sentido ambíguo, onde se utiliza como elemento da linguagem que permite a dupla interpretação ou a referência a mais de uma explicação. Nesse caso, é utilizada como uma expressão bem policial, que está associado, principalmente, a lavagem de dinheiro. As hipóteses sobre os motivos de a fruta ser utilizada para designar o autor desse tipo de prática criminosa são muitas.

**Figura 09 – Roupa suja**



Fonte: <<http://ubaitabaurgente.com.br/noticias/bahia/500-politicos-baianos-sao-fichas-suja/>>

A charge 09 é composta da relação entre dois campos semânticos de maneira complementar. A roupa suja do homem como (código não verbal) e da conversa entre ambos (código verbal). A mulher pergunta o motivo pelo qual o homem está daquele jeito, apontando para a camisa do mesmo que está suja, logo, lhe é respondida que o motivo da camisa está assim, foi devido a um candidato “ficha suja” ter lhe abraçado. Verifica-se a partir das informações que a informação implícita se faz presente na expressão “ficha suja”, utilizada com duplo sentido. Pois, o termo sujo possui como significado algo que não é ou não está limpo; coberto de sujeira. Mas, neste caso, o termo “sujo” se completa na expressão ficha suja. Para a política, o termo “ficha suja” designa-se a qualquer político(a) que se envolveu em qualquer escândalo político, como mensalão, lavagem e/ou desvio de dinheiro (geralmente público) e/ou de verbas, corrupção, suborno, sabotagem, sonegação, abuso de poder, além de vários outros

crimes políticos, incluindo eleitorais, além do seu passado criminoso, como roubos, furtos, assassinatos, homicídios, crimes de trânsito, entre vários outros crimes, hediondos ou não, e mesmo assim se candidata a qualquer cargo político (presidente, governador, prefeito, senador, deputado federal, deputado estadual e vereador). Político que cria, ou usa, ou apresenta projetos ou propostas de lei, considerados malignos, idiotas, tolos, estúpidos, e até mesmo destrutivos, que possam prejudicar a nação, ou um estado, ou um município, etc., com intenção de destruir de tudo que é de mais tradicional, desmoralizando por completo, além de violar os direitos humanos, e até a Constituição.

Na charge 09, verifica-se que a informação implícita se faz presente na expressão “ficha suja”, utilizada de forma ambígua. No vocabulário, o termo sujo possui como significado algo que não é ou não está limpo; coberto de sujeira. No entanto, a violação da máxima de modo se dá a princípio de que o termo sujo no contexto da charge deriva-se a políticos que se envolveram em escândalos, mensalão, lavagem de dinheiro e entre outros crimes hediondos.

**Figura 10 – Filme queimado**



Fonte: <<http://www.otaviosaleitao.com.br/noticias/o-ineditismo-da-derrota-e-a-ressaca-moral-trazem-de-volta-clima-desfavoravel-a-dilma>>

Na charge 10, temos como personagens caricaturais a ex-presidente Dilma Rousseff e um fotógrafo. Ao analisarmos este enunciado, podemos notar a presença do duplo sentido nos termos “filme e queimado”, visto que as palavras se valem com mais de uma significação, porém, não apresentam ligações semânticas entre si. Pelo contexto, o discurso da presidente refere-se a filme com base em expressões populares, ou seja, ela está mal vista por todos. As pessoas não tem mais credibilidade no que ela faz ou fala. Para reforçar o enunciado, a presidente utiliza queimado, que juntamente com filme, reforça o significado semântico dado à charge. Já a segunda significação advém em torno da expressão original, ou seja, temos um

fotografo com uma câmera e sabemos que filme é um material usado por estes profissionais, e que eles queimam por algum fato concreto. O jogo de imagens e a construção do contexto são elementos usados para que ocorra o duplo sentido, pois se observa que a palavra filme só é citada uma única vez, mas através da figura do fotógrafo podemos entender a segunda significação sem que precise trazê-la ao texto.

Temos então na charge 10, a quebra a partir do sentido ambíguo presente nos termos “filme e queimado”. Esta quebra da máxima leva o leitor a procurar a intenção do chargista que poderia ser de mostrar que ao citar “filme queimado” pretende revelar que a presidente esta mal vista na sociedade. Considerando o texto verbal, verifica-se que as palavras são relevantes para a situação mostrada no texto não verbal.

**Figura 11 – Ratos e a política**



Fonte: <<http://analisedecharges.blogspot.com/2010/05/os-ratos-na-politica-analise-de-charge.html>>

Na charge 11, como integrantes da charge temos a figura do ex-presidente dos E.U.A, Barack Obama e o ex-presidente do Brasil, Lula. A temática é conhecida: políticos e corrupção. Temos a figura do presidente americano de um lado e o presidente Lula do outro. Duas figuras se destacam no lado americano. Uma delas é a do presidente sorridente e ativo. Abaixo dele, a primeira ocorrência da palavra “rato”. Nesse caso, “rato” foi usado em seu sentido literal: designação comum de roedores da família dos murídeos, responsáveis pela destruição de grandes quantidades de alimento e pela transmissão de diversas doenças. Já do lado do ex-presidente Lula, temos a sua figura numa clara referencia a do presidente Obama. Atrás do presidente Lula, temos a segunda designação da palavra rato. Pela vestimenta, parecem ser representantes políticos representados pela figura de um rato. Rato na linguagem politica significa pessoa que faz jogo sujo, participa da roubalheira em locais considerados públicos. O que vemos, portanto, é uma critica clara aos políticos brasileiros, os quais fazem

jogo sujo, roubalheira e que durante o seu governo fazem acordos nada legais para se manterem nos cargos.

Na charge 11, a quebra da máxima de modo foi violada por apresentar a palavra rato com dupla significação. Na imagem do ex-presidente, a charge leva o leitor a interpretar a palavra no seu significado literal referindo-se a rato como animal. No segundo momento a palavra rato é exposta com significado distinto. É mostrado que, na política o termo rato é designado a políticos cujos são taxados por praticarem “sujeiras”, ou seja, improbabilidades. Havendo então a quebra da máxima de modo pela presença novamente da ambiguidade exposta na palavra rato.

### **CAPÍTULO III**

#### **5. CONCLUSÃO**

Este trabalho teve o propósito de analisar como os chargistas utilizam da linguagem irônica advindas da quebra das Máximas Conversacionais para produzir tanto o humor quanto a crítica. Os resultados revelam que a ironia é uma estratégia muito presente em charges, utilizadas para expressar uma ideia através das palavras, que, aparentemente, exprimem o contrário. A ironia só vai ser bem sucedida se o ouvinte for capaz de entender o que está sendo proposto pelo falante. É possível perceber que o dito problematiza o entendimento, porque não há clareza, é o que ocorre quando há quebra de máximas conversacionais, o enunciado problematiza o dito e o leitor talvez não consiga perceber o que está implícito naquele texto. Mas, através do processo inferencial, é possível entender a intenção comunicativa do autor. Os personagens, em geral, dizem aquilo que não acreditam ser, violando as máximas propostas por Grice ou utilizam o recurso da inferência, que permite que o leitor perceba as pistas linguísticas que levam a conclusão sobre os implícitos.

Para tanto, foram apresentados os conceitos fundamentais de ironia para produção do humor, e a charge com intencionalidade da quebra de máximas para provocar o riso onde o leitor deve descobrir as intenções dos chargistas para poder compreender o sentido. Além de que, durante a análise das charges foi comprovado neste trabalho que as quebras intencionais de máximas, ou seja, as implicaturas conversacionais são fundamentais no gênero.

A análise mostrou que, no gênero charge de cunho político geralmente ocorre à quebra de máximas, sendo a que mais prevalece destas máximas é a de modo (evite ambiguidades) já que, o autor da charge quer chamar atenção do leitor através dos variados sentidos que um enunciado pode ter. O locutor ou chargista deve ser cooperativo e dar pistas para o leitor poder descobrir as possíveis intenções de análise do contexto. Por outro lado o leitor também

precisa ser cooperativo e ter conhecimentos para compreender a charge. Grice parte da hipótese de que em uma interação os participantes devem fazer esforços cooperativos para que haja comunicação. Os efeitos de sentido provocados pela quebra são múltiplos e dependem de cada leitor e do conhecimento de cada contexto em que a charge é trabalhada.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AUSTIN, Jhon. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BERGSON, Henri. “Ensaio sobre a significação do cômico”. Tradução: Nathanael C. Caixeiro, Ph.D. em Filosofia, Universidade do Texas. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2ª Edição, 1983.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

ESPINDOLA, Lucienne. A charge no ensino da língua portuguesa. Letr@ Viv@ UFPB. 2001

GRICE, Paul H. *Lógica e conversação*. (Trad João W. Geraldi). In: DASCAL, Marcelo (org). *Fundamentos Metodológicos da Lingüística* (vol IV): *Pragmática Problemas, críticas, Perspectivas da Lingüística*. Campinas: UNICAMP. 1982.(1975).

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais**: leitura e produção. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROMUALDO, C. E. Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo. Maringá: Eduem, 2000.